

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## **A ASSISTÊNCIA À SAÚDE E O SABER MÉDICO NO VALE DO SÃO FRANCISCO NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

ANA CLARA FARIAS BRITO\*

O presente trabalho tem como objetivo abordar a organização das redes de assistência à saúde na Bahia, em particular no sertão do vale do São Francisco, identificando como nos primeiros anos do período Republicano a proeminência de pensamentos ligados ao ideal higienista, interferem nas dinâmicas da vida do sertanejo tanto nos seus valores sociais, quanto na sua relação com o ambiente. Para tanto, trabalhamos com a problematização do Jornal o Pharol veículo propagador do ideário moderno no sertão. A imprensa da região é revelada como instrumento dos homens de letras para imprimir linguagens e imagens vinculadas a costumes e ideias modernas que paulatinamente repercutem na organização dos espaços sociais nas vivências e socialização no início do século XX.

A circulação do jornal em questão, proclamando e enfocando em sucessivos anos as ideias em movimentos nos grandes centros urbanos, é entendido também como fruto desse processo, ou seja, ele enfatiza algo que ao mesmo tempo pertence, a um veículo das letras que valoriza o sujeito “leitor” e os induz a compreender seu espaço social. Desta forma, encontra-se nas páginas do referido periódico, uma tentativa de valorizar as práticas médicas, induzindo a modificação da relação do sertanejo com o ambiente, destacando-se a necessidade de cuidados com a salubridade dos espaços públicos e com valores referentes a hábitos de higiene pessoal e de conduta moral do indivíduo.

No contexto nacional, foi nos anos iniciais do século XX, que as impressões sobre o sertão reunidas no relatório dos médicos Arthur Neiva e Belissário Penna dão início ao debate sobre a necessidade de intervenção da União no interior doente. Os autores externam a condição de abandono e doença das populações de Pernambuco, Bahia, Goiás e Piauí. Em vistas da identificação de um país doente, os médicos se colocavam como “missionários da civilização” (LIMA, 1999) dispostos a adentrar os sertões e retirar o sertanejo da condição de abandono para

---

\* Professora Assistente da Universidade de Pernambuco, Mestre em História das Ciências- UFBA/UEFS.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

torná-los integrantes da nação. Neste sentido, um segmento capitaneado pelos médicos e apoiado por intelectuais e políticos constrói, por meio da bandeira do sanitarismo, uma pauta a ser incorporada pelo poder público, no sentido de estabelecer como instrumento fundamental uma política unificada de saúde pública que “curaria” a população e promoveria a transformação social, fortalecendo o progresso e a civilização da nação (LIMA; HOCHMAN, 1996)

Desta forma, entre os anos de 1916 a 1920 intelectuais, políticos, e a opinião pública da capital federal, se unem em favor do movimento de saneamento dos sertões, o que resulta na criação da Liga Pró-Saneamento em 1918, do serviço de profilaxia rural em 1919 e na instauração de um novo código sanitário em 1920 que deu maiores poderes ao governo federal para intervir nos Estados. Em poucos meses, onze estados haviam firmado acordo com o governo central para a criação de postos de profilaxia no interior (SANTOS, 1985)

Através dos contatos possíveis com as fontes, trazemos aqui algumas reflexões sobre o saber médico e a assistência à saúde no Vale do São Francisco. A pesquisa, ainda em sua fase inicial, busca identificar no Vale do São Francisco, na segunda década do século XX, a divulgação de modelos e práticas cotidianas urbanas, tidas como necessárias e propícias a conduzir a região a aspectos da civilização e ao progresso usando para isso referências dos modelos instituídos pelo ideal higienista transmitido através dos médicos que atuavam na região.

No sertão em início do século XX a ideia dos homens de letras era de superação da incivilidade e da necessidade de assimilar aspectos que caracterizava o urbano enquanto moderno. O conceito de modernização aqui utilizado se refere, sobretudo, às transformações estruturais do espaço urbano o que possibilita pensar não só os processos físicos, mas também as relações, hábitos, costumes, maneiras de fazer e pensar, como por exemplo a divulgação do saber médico o que em termos gerais visa um redirecionamento das práticas da sociedade marcada pelo atraso quando em comparação com outras regiões do País.

O que se pode resumir deste caso particular é que a própria ideia, em seu bojo, carrega elementos que permitem exprimir um sentido, primordialmente, o de caminhada que os leva adiante, ao progresso. A este movimento faz-se necessário reconhecimento mútuo das maneiras de se relacionar, organizar e viver. Para Norbert Elias:

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos; ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização. (ELIAS, 2011:23).

Ainda em o Processo Civilizador o sociólogo enfatiza que “Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo e muito mais”. Certamente as tensões e conflitos são marcas desses acontecimentos históricos quando se propõem virar páginas e escrevê-las em nova linguagem e padrões. Ribeiro enfatiza que:

É desta maneira que Norbert Elias pensa. Pode respeitar os costumes que se civilizaram (transparece até mesmo uma simpatia por eles), mas sempre tem em mente que o condicionamento foi e é caro. Uma responsabilidade enorme vai pesando sobre o homem à medida que ele se civiliza” E isto tanto se entende à luz das torturas, físicas ou psíquicas”. (RIBEIRO, 1989:10).

E neste âmbito que as tensão entre o antigo e o moderno afetam também as cidades de Petrolina e Juazeiro. A possibilidade de entrada das mesmas no rol dos locais civilizados, delimita modificações e re-configurações, afetando as ordens sociais, econômicas e culturais, visando inserir relações e práticas com dimensões expandidas, cosmopolitas e se opor àquilo que possa trazer marcas do atraso.

Para os homens das letras, elites econômicas e governantes locais as idéias de civilidade e as práticas de modernização se apresentam como a via de intervenção na mentalidade rural predominante, submetendo-a a novas demandas, valores e símbolos, estes tornam-se próximos nos contatos com outras regiões e possibilitam expandir a postura de região nascida para o progresso e de gente destinada a “grande futuro”.

A cidade de Juazeiro, situada a 500 quilômetros da capital Salvador foi demarcada, ao longo do período colonial como um ponto central da comunicação interior através de estradas que daquele local se encaminhavam para o Maranhão através do Piauí e ainda da comunicação fluvial que

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

descendo de Minas chegava ao Oceano através de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Conforme Prado Junior (1997) Esta localização tornou Juazeiro um centro privilegiado de transações comerciais da região, fazendo a mesma ser considerada como o ponto médio entre os Rios São Francisco e Tocantins.

O fluxo de mercadorias e pessoas fez a Villa de Juazeiro ser elevada a categoria de Cidade em 1878. A comunicação feita, sobretudo, pelo rio, se expande nos Primeiros anos da Republica, através da Construção da Estada de Ferro: *Da Bahia ao São Francisco*, que inaugurada no ano de 1896 interligava Juazeiro a capital Salvador num percurso de 452,310 quilômetros com paradas em 35 estações ferroviárias ao longo do caminho (GARCEZ,1992). Esta ligação torna a região especial pois permitiu não apenas a circulação de produtos, mais de ideias e padrões de civilização vindos da capital. Souza (2009) nos aponta ainda que no Período Republicano a ferrovia foi responsável pela disseminação de doenças, como a gripe espanhola, que ate então só grassavam a capital. Segundo a autora, Juazeiro era comumente bombardeada por doenças epidêmicas e endêmicas como a peste, o impaludismo, as “febres do mal caráter”, a ancilostomíase, a enterite, a angina, a sífilis e tuberculose (SOUZA, 2009:274).

Por muito tempo a cidade pernambucana de Petrolina, segunda maior cidade da região denominada de Vale do São Francisco, foi conhecida como “passagem do Juazeiro”, local onde os viajantes faziam parada para chegar a Bahia, que já se caracterizava como um movimentado entreposto comercial. Petrolina torna-se cidade apenas em 1895, se emancipando de Santa Maria da Boa Vista, contudo, diferente da sua vizinha baiana, não alcança grande desenvolvimento urbano nas primeiras décadas do século XX.

A vizinha cidade Pernambucana de Petrolina mirava-se nos passos trilhados pela cidade baiana para conduzir as suas modificações. Em 1915, os intelectuais de Petrolina criam o jornal que se tornaria o periódico de maior circulação da região até os anos de 1980. O título: “Pharol” faz analogia à iluminação do caminho para o desenvolvimento do vale São Franciscano em especial da cidade de Petrolina; progresso, civilização e modernidade, eram as palavras de ordem repetidas de forma extenuante pelos redatores do jornal que em suas páginas revelavam os caminhos para alcançá-los.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Foi no ano de 1912 que uma das primeiras expedições médico científicas chegam nas cidades de Juazeiro e Petrolina a expedição organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, (IOC), teve como chefes os médicos Belissário Penna e Arthur Neiva que percorreram parte do Estado da Bahia, Pernambuco Piauí e do Estado de Goiás. Os resultados evidenciaram o atraso, a doença, a miséria e o abandono do homem do interior que segundo eles encontravam-se esquecidos pelo restante do Brasil (LIMA, 1999).

O quadro começa a ser traçado pelas comunidades ribeirinhas do São Francisco, chamando a atenção para as doenças como impaludismo e febre amarela e falta de medicamentos para tratá-las. Mesmo Juazeiro sendo apontada como a cidade mais importante daquele percurso do rio, junto com Goiás, salta aos olhos dos autores a ineficiência da assistência a saúde da cidade, denunciada pela falta de medicamentos e a precariedade das instalações da Santa Casa de Misericórdia, descrita como “um grande casarão, desprovido de qualquer instalação aperfeiçoada” (PENNA E NEIVA, 1916:142). Desta forma, nem Juazeiro, escapou as críticas dos cientistas;

Joazeiro com 6mil habitantes apesar de rotulada pela denominação de Princesa do Sertão, não passa de um amontoado de gente habitando uma povoação sem esgoto, iluminação, água encanada, pavimentação, compara-se núcleo de povoação igual mesmo no Brazil meridional, [...] alguns quilômetros de Joazeiro esta se na mesma condição de que se tivesse internado centenas de quilômetros daquela cidade [...] é o sertão em toda sua primitividade (PENNA; NEIVA, 1916:179).

Embora fosse um centro urbano que reunia 6 mil habitantes, na visão dos autores, a falta de saneamento, e de condições salubres de existência, relegava Juazeiro a “primitividade do sertão”, esta caracterizada pela hostilidade da natureza e incapacidade do individuo em supera-la sendo a higiene apontada como conhecimento e conjunto de práticas capazes de fazer a mediação entre o estado natural e a civilização (LIMA; HOCHMAN, 1996)

Na concepção de Moraes (2002) o sertão é uma realidade simbólica, uma figura do imaginário da conquista territorial, conceito construído pelo outro que ao classificar uma localização aponta para sua transformação. Assim, a designação dos elementos que constituem o sertão como espaço do “atraso” vem acompanhado de um projeto de contraponto rumo ao “progresso”, com caráter; povoador, civilizador, modernizador, o qual almeja a superação da condição sertaneja. Esta visão

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

generalizante que se constrói sobre o sertão por ser operada fora dos próprios espaços, limita, por muitas vezes, o entendimento da própria dinâmica histórica interna do local.

No caso aqui problematizado, a percepção externa sobre o sertão, não condizia com as idéias sobre a região que circulavam nos periódicos das cidades de Petrolina e Juazeiro. A organização do centro urbano com ruas centrais calçadas, praças, e espaços institucionais que caracterizavam o progresso como a Santa Casa de Misericórdia (1885) Teatro Santana (1874) e a escola pública municipal (1896), faziam os intelectuais da região acreditarem que se encontravam em sintonia com o a civilização e a modernidade.

Neste sentido, faz-se necessário entender não apenas as teorias vindas de fora mais as particularidades internas evidenciando as suas construções e relações. No concerne as práticas higienista foi no ano de 1920 que se instalou o posto de profilaxia na cidade de Juazeiro este, além de garantir a inserção do Estado em localidades consideradas abandonadas, serviam para evidenciar a eficácia da ação da ciência sobre o indivíduo, priorizando uma ação educativa no intuito de prevenir comportamentos que poderiam levar a reinfestação ou infestação de outros indivíduos e a ação sobre o meio ambiente, isto é sobre as condições promotoras da presença e expansão da doença. (HOCHMAN, 1998).

Entretanto, na Bahia tais concepções sobre a relação entre o indivíduo e o meio ambiente, instauradas através dos postos de profilaxia, já se fazia presente nas reflexões dos médicos formados na Escola de Medicina da Bahia que ponderavam sobre a limpeza do espaço urbano, as condições de moradia, os sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário como propagadores de doenças tanto no centro urbano quanto nas áreas rurais Embora não tivesse aplicação prática, desde o ano de 1900, legalmente cabia aos municípios prover o saneamento, através de medidas como canalização de esgotos, águas pluviais, pavimentação das ruas e incineração de lixo. (SOUZA,2011).

O amadurecimento destas concepções no Brasil e na Bahia tem reflexos maiores nas cidades de Juazeiro e Petrolina, entre os anos de 1915 a 1925 momento em que Jornal “O Pharol” atua como propagador destas medidas. As matérias eram direcionadas aos poderes públicos clamando pela construção de espaços como o Mercado Municipal em Petrolina, mais também aos indivíduos

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

evidenciando a necessidade de ações como limpeza pessoal e dos espaços públicos. No ano de 1920 assume a prefeitura da cidade de Petrolina o médico Pacífico da Luz. Formado na Faculdade de Medicina da Bahia, veicula a higiene e a cura das doenças como o caminho em direção a civilização e ao progresso. Durante o seu mandato, prioriza as intervenções no espaço urbano e já em 1920 cria um código de postura que regulamenta os comportamentos sociais e a relação do indivíduo com o ambiente.

Art 34- É vedado aos moradores de casas nesta cidade ou povoação do município deitar nas ruas, beccos, travessas ou terreiros, palhas ciscos ou de qualquer coiza, matérias fecaes, águas sujas ou qualquer objecto que possa prejudicar a limpeza, os asseios ou a salubridade. Os infractores serão multados em Rs 10\$000. E para que chegue ao conhecimento de todos lavre o presente edital que vae por mim affixar na portaria principal desta prefeitura e publicado na imprensa local. (PHAROL, 10 de outubro de 1920).

Tendo em vista a falta de uma rede de esgoto, tornava-se responsabilidade dos indivíduos zelar pela salubridade do espaço público, sendo a sua negligencia punida com multa. Para os médicos daquele período, era preciso higienizar as casas, as ruas, evitando a cadeia perversa; o lixo que alimenta os ratos, que albergava as pulgas e transmitia entre outras doenças a Peste. Era necessário ampliar o sistema de distribuição de água e esgotamento sanitário, drenar águas estagnadas, evitando assim, males como a malária, febre amarela e dengue. (SOUZA, 2011).

Uma vez tratado o ambiente, seria necessário ainda prover medidas em relação aos indivíduos além da higiene pessoal estimulava-se a ingestão de substâncias que fortalecessem o organismo e dificultassem a ação das doenças caso dos tônicos, xaropes e emulsões. (SOUZA, 2009). Nas páginas do Jornal “O Pharol” as únicas ilustrações presentes serviam para divulgar medicamentos para as mais variadas enfermidades; emulsões, elixires, licores que prometiam combater, anemia, tosse, gripe, bronquite, tuberculose, rouquidão, malária, febre intermitente, impaludismo e inflamações no baço e fígado. (PHAROL, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920).

Para dar maior credibilidade aos remédios divulgados, muitas das propagandas eram seguidas por testemunhos de médicos e pacientes que se curaram tomando a medicação, um destes foi registrado no ano de 1921;

Atesto sob a fé de meu grau que tenho empregado sempre com muito bons resultados a “ Emulsão de Scott” em todas as dffeções das vias respiratórias,

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

debilidade geral e finalmente todas as lezões que trazem o depauperamento do sangue e enfraquecimento geral não só de minha clientela como também em minha própria família. *Dr. João Bittencourt Calazans, Bahia.* (Jornal Pharol, n. 30, Junho de 1921)

O depoimento nos permite observar que as doenças em Juazeiro e Petrolina, não acometiam apenas os pobres, grassando também a família dos médicos locais que atestando a cura, tentavam fazer do consumo dos medicamentos um comportamento geral da população sertaneja. Até os anos de 1930, a ênfase na divulgação destes métodos de cura ligado ao saber médico permanece como uma das características principais do periódico de publicação regional. Ao decorrer dos anos, observam-se apenas, adequações deste saber as demandas cotidianas do período como a saúde da mulher e do trabalhador. Entretanto, ainda era mínima a expressão de tais medicamentos como agente de cura. A maioria da população do sertão se valia do que era chamado pelos médicos de “terapêutica popular” (NEIVA E PENNA, 1916. Sendo esta relação da população com a ideia de saúde e doença um dos maiores desafios a incursão da ideologia médica científica pelos sertões.

## REFERÊNCIAS

CASTRO SANTOS, Luiz A. de. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia da construção da nacionalidade. **Dados: Revista Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p.193-210, 1985.

CAVALCANTI, Nemeriana; CÔRREA, Jean Carlos. **O Pharol - Tempo, Imagem e Memória**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Produto Midiático (CD-Rom), Juazeiro-Bahia, 10 de junho de 2008

CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-BA. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes** Trad: Ruy Jungmann. 2. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 1993. Vol I. 2011.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento: as bases da política da saúde pública no Brasil**. São Paulo: Hucitec: ANPOCS, 1998.

\_\_\_\_\_. Logo ali, no final da avenida: os sertões redefinidos pelo movimento sanitário da Primeira República. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2013 . Disponível em

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459701998000400012&lng=pt&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701998000400012&lng=pt&nr=iso)>. acessos em 11 jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400012>.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Pouca saúde, muita saúva os males do Brasil são: discurso higienista e interpretação do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 313-332, 1996.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. *In: Terra Brasilis –Revista de história do pensamento geográfico no Brasil*, Anos III-IV, N. 4-5. Território. Rio de Janeiro: 2002-2003, p. 11-22.

SANTANA, José Carlos Barreto (org), **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão. Tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. 1ª. ed. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/FIOCRUZ, 2009.

\_\_\_\_\_. A constituição de uma rede de assistência à saúde na Bahia, Brasil, voltada para o combate das epidemias. *In: Filantropía, asistencia y epidemias en Brasil*. Dynamis (Granada), v. 31, p. 13-20, 2011.

**FONTES : Jornal o Pharol 1915- 1920.**